

**O PERCURSO DA TEMÁTICA QUALIDADE DE VIDA E RISCO NA TEORIA SOCIAL LATINO-AMERICANA: UMA ABORDAGEM PRELIMINAR<sup>1</sup>**

**EL CAMINO DE LA TEMÁTICA CALIDAD DE VIDA Y RIESGO EN LA TEORÍA SOCIAL LATINOAMERICANA: UN ABORDAJE PRELIMINAR**

**THE PATH OF THE THEMATIC QUALITY OF LIFE AND RISK IN LATIN AMERICAN SOCIAL THEORY: A PRELIMINARY APPROACH**

SEIXAS, Sônia Regina da Cal <sup>2</sup>  
CINTRA, Silvia Beltrane<sup>3</sup>

**RESUMO:** Neste artigo propõe-se analisar a noção da temática qualidade de vida e risco na teoria social latino-americana, tendo como referência o banco de dados especialmente organizado para o Projeto Temático FAPESP (processo n. 05/52317-1): *A Questão Ambiental, Interdisciplinaridade, Teoria Social e Produção Intelectual na América Latina*, coordenado por Leila da Costa Ferreira. O conceito de qualidade de vida e o de risco tem trajetórias específicas, e abordagens múltiplas na teoria social e ambiental. Neste trabalho foi realizada análise preliminar no referido banco de dados com enfoque quantitativo, no sentido de caracterizar a presença da temática qualidade de vida e risco na teoria social latino-americana, sendo que para esse artigo, foi priorizada a consulta ao banco de dados até 08 de novembro de 2007. O texto procura também sistematizar algumas abordagens encontradas para a temática sem, entretanto, esgotar todos os seus desdobramentos e possibilidades, uma vez que esta é uma discussão em construção.

**Palavras-chave:** Qualidade de Vida; Risco Social; Interdisciplinaridade; Teoria Social; América Latina.

---

<sup>1</sup> Parte desse artigo foi apresentado anteriormente, no IV Encontro Nacional da ANPPAS, Brasília, DF, junho de 2008.

<sup>2</sup> Unicamp. Doutora em Ciências Sociais – IFCH-UNICAMP. Pesquisadora do NEPAM-UNICAMP e professora Doutorado Ambiente & Sociedade NEPAM-IFCH-UNICAMP. Bolsista de Produtividade CNPq 2;

[srcal@unicamp.br](mailto:srcal@unicamp.br)

<sup>3</sup> Licenciada em Sociologia pela PUC-CAMPINAS. Pós-Graduanda em Ensino de Sociologia pelo Programa Redefor-USP. Professora de Sociologia e Filosofia na rede particular de ensino de Valinhos, e na ETEC Bento Quirino em Campinas. [sbeltrane@gmail.com](mailto:sbeltrane@gmail.com)

**RESUMEN:** En este artículo se propone examinar la noción de la temática calidad de vida y riesgo en la teoría social latinoamericana, con referencia a la base de datos especialmente organizada para el tema del Proyecto Temático FAPESP (proceso n 05/52317-1.): el Tema del Medio Ambiente, la Interdisciplinariedad, la Teoría Social y la Producción Intelectual en la América Latina, coordinado por Leila da Costa Ferreira. Tanto el concepto de calidad de vida así como el riesgo tienen trayectos específicos, y enfoques múltiples en la teoría social y ambiental. En este estudio, se realizó un análisis preliminar en la referida base de datos con enfoque cuantitativo, con el fin de caracterizar la presencia de la temática de la calidad de vida y el riesgo en la teoría social latinoamericana, y para este artículo, hemos dado prioridad a la consulta a la base de datos hasta el 08 de noviembre de 2007. Este análisis precede a otro momento donde el interés es conocer a partir del material sistematizado en la base de datos, cómo la temática ha surgido en la teoría social latinoamericana, desde los Centros de Investigación que están siendo priorizados por el proyecto, y los vínculos teórico y las tradiciones a las que están vinculados. El texto también busca describir algunos abordajes a la temática, sin procurar, sin embargo, agotar todas las posibilidades y sus consecuencias, ya que este es un debate en construcción.

**Palabras-clave:** Calidad de Vida; Riesgo Social; Interdisciplinariedad; Teoría Social; América Latina.

**ABSTRACT:** This article proposes to examine the notion of the thematic quality of life and risk in Latin American social theory, with reference to the database specially organized for the FAPESP Thematic Project (process n. 05/52317-1): The Environmental Issue, Interdisciplinary, Social Theory and Intellectual Production in Latin America, coordinated by Leila da Costa Ferreira. Both the concept of quality of life and the risk have specific paths, and multiple approaches in social and environmental theory. In this study we conducted a preliminary analysis in the mentioned database with quantitative approach, in order to characterize the presence of the thematic quality of life and risk in Latin American social theory, and for this article, we prioritized the query to the database until November 8, 2007. This analysis precedes another moment where the interest is to ascertain from the material systematized in the database, how the thematic has emerged in Latin American social theory, from the Research Centers that are being prioritized by the project, and the theoretical links and traditions to which they are linked. The text also seeks to describe some approaches to the thematic found, without however, exhaust all possibilities and their consequences, since this is a discussion under construction.

**Keywords:** Quality of Life; Social Risk; Interdisciplinarity; Social Theory; Latin America.

## **Questão ambiental, qualidade de vida e risco: uma abordagem preliminar - a incorporação do conceito qualidade de vida na teoria social: a construção de uma trajetória**

A existência de relação entre os conceitos de qualidade de vida e questão ambiental é muito recente, sendo historicamente demarcada no debate contemporâneo a partir do ano de 1989. Os signos dessa relação se estabeleceram quando as questões sobre a degradação ambiental começaram a se impor no cenário mundial e foram se aproximando gradativamente da temática sobre a qualidade de vida da população em geral. Os melhores exemplos para reforçar essa afirmação foram à realização de Conferências na Inglaterra e França patrocinadas pelos governos desses países; um comunicado oficial sobre o tema emitido pelo grupo que participou do encontro econômico de cúpula do Grupo dos Sete em julho do mesmo ano (BROWN; FLAVIN, 1990, p. 11); a preparação do encontro mundial Rio 92 e os vários desdobramentos que esse encontro possibilitou.

A partir desta constatação, o tema passou a ser objeto de publicação regular do WWI-Worldwatch Institute, sediado em Washington<sup>4</sup>, onde qualidade de vida figurava como força motriz, sendo que diversas abordagens desta temática foram apresentadas a cada ano<sup>5</sup>. Também no Brasil algumas publicações começaram a surgir a partir desse período, tendo o tema qualidade de vida como objeto central em diferentes abordagens teóricas<sup>6</sup>, bem como, de maneira genérica, em alguns outros trabalhos.

No entanto, do ponto de vista acadêmico o tema qualidade de vida e outras possíveis relações, como por exemplo, a saúde, já foi amplamente debatido entre nós. Em 1981, ocorreu

---

<sup>4</sup> O WWI busca a promoção de uma sociedade ambientalmente sustentável, onde as necessidades humanas sejam atendidas sem ameaças à saúde da natureza. Procura atingir seus objetivos através de pesquisas interdisciplinares, montando cenários sobre as emergentes questões globais, usados por governos, universidades, empresas e ONGs, e divulgados através de publicações, editadas em vários idiomas.

<sup>5</sup> Esta publicação foi composta por relatórios anuais, publicados a partir de 1990, pelo WWI, organizados por Brown com o sugestivo título *Salve o Planeta! Qualidade de vida*, seguido do ano a que se refere à publicação 1990, 1991, 1992, 1992, 1993, 1994, 1995. Em geral, o primeiro capítulo discute uma abordagem mais teórica sobre um tema específico e os capítulos precedentes discutem temas frutos de pesquisas realizadas em alguma parte do mundo sobre a relação do meio ambiente e o desenvolvimento. No Brasil, foram publicados pela Editora Globo. Atualmente assumiram outros títulos, mas guardam a essência dos primeiros volumes.

<sup>6</sup> Reporto o leitor para SOUZA, 1984 e LUA NOVA, n° 31, 1993

no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), um Seminário de Estudos Urbanos, onde ficou evidente a pertinência do tema. Souza, a partir desta experiência, apontou que a qualidade de vida, seja à qual realidade estiver orientada, é uma questão complexa e multifacetada, pois abrange "tanto a distribuição dos bens de cidadania - os bens e direitos que uma sociedade, em dado momento, julga serem essenciais - quanto à de uma série de bens coletivos de natureza menos tangível e, nem por isso, menos reais em suas repercussões sobre o bem-estar social" (SOUZA, 1984, p. 15). É importante perceber que essa linha sugere a mais importante veia de análise para esse tema. Por ser um tema complexo e com vários referenciais possíveis de análise, passa, essencialmente, pela questão da cidadania.

Neste período pode destacar que algumas contribuições tratam sistematicamente de estudos de caso onde primordialmente aspectos da relação entre qualidade de vida, saúde e ambiente estão presentes. Alguns exemplos significativos são: análise sobre a qualidade de vida e as condições de saúde para o caso do Rio de Janeiro (CORDEIRO, 1984), onde o autor remete as necessidades de saúde das populações urbanas ao conceito de qualidade de vida e a dimensão da cidadania. O papel da industrialização e urbanização numa dada realidade social foram constituintes de um novo padrão de morbi-mortalidade, bem como, de transformações culturais que implicaram em mudanças significativas na qualidade de vida da população (BARBOSA, 1990).

Estudos de casos que levaram em conta o papel das transformações populacionais recentes e as considerações que advém desta realidade foram também objetos de algumas análises (MATAVELE, 1992; CARMO, 1995). E, ainda, pode-se encontrar pesquisa onde o foco principal de análise se deu através do ambiente e a urbanização em uma microbacia do município de Campinas onde a valorização dada à qualidade de vida se fez através do grau de satisfação das necessidades materiais e espirituais do indivíduo e da sociedade que pudessem ser satisfeitas (LEAL, 1995). Jacobi (1993) analisou o ambiente e qualidade de vida domiciliar na cidade de São Paulo, como exemplo da avaliação das condições ambientais urbanas em cidades do Terceiro Mundo, realizada simultaneamente nas cidades de Accra, em Ghana e em Jakarta, na Indonésia, o qual foi coordenado pelo The Stockholm Environment Institute (SEI), Suécia.

Pode-se observar também que a partir da segunda metade da década de 1990, Barbosa (1996) deu início a outra abordagem nas pesquisas de qualidade de vida e ambiente com a

introdução do recorte da subjetividade e da saúde mental. Suas pesquisas inicialmente estavam voltadas para as populações de cidades no interior paulista, e mais recentemente tem se expandido para outras populações como pescadores artesanais (BARBOSA, 2004, 2006) e para o meio rural (BARBOSA ; HÖEFFEL, 2006).

Assim, pode-se afirmar que a íntima relação entre a qualidade de vida e a temática ambiental, já se fazia presente em outros autores para o mesmo período. Galtung (1979), Montes & Leff (1986) e Gallopín (1986) são bons exemplos sobre a evidência teórica dessa relação.

Outras abordagens podem ser consideradas para o conceito de qualidade de vida, como sua relação com o modelo de desenvolvimento. Em texto do Cepaur (1986) encontra-se que o melhor modelo de desenvolvimento será aquele que permitir elevar mais a qualidade de vida das pessoas. O texto propõe desta forma que a qualidade de vida irá depender das possibilidades que as pessoas tenham de satisfazer adequadamente suas necessidades humanas fundamentais" (CEPAUR, 1986). Como esse conceito coloca acentuadamente a dimensão subjetiva, o próprio documento faz um alerta importante a esse respeito: afinal, quais são essas necessidades fundamentais e quem, em última instância, decidirá quais são?

Qualidade de vida para Buarque (1993) é um conceito muito antigo e embora não seja ainda bem definido, tem sido recentemente associado à capacidade de consumo e confundido com modernidade. Nessa concepção, qualidade de vida passou a ser simbolizada mais pelo consumo exagerado de bens e tecnologia de última geração do que uma conquista decorrente do uso de bens e da tecnologia.

Em função disso, o conceito de qualidade de vida passa a ser à busca de uma utopia, pois que ficou caracterizada pela crença de que todos, ao desejarem, teriam acesso a ela ou aos equipamentos que a simbolizam. No entanto, qualidade de vida como sinônimo de consumo passa a ser impossível (BUARQUE, 1993, p. 157). Essa constatação representa a diluição dos grandes aportes teóricos e dos paradigmas estabelecidos no final do século XIX. As técnicas não eliminaram, de todo, a fome, a violência, a ignorância e ainda serviram para aumentar a desigualdade entre os homens e ameaçar o futuro pelas novas armas e pela degradação ambiental.

A percepção dos limites do crescimento e da consciência de que o progresso econômico serve de base para a qualidade de vida pelo consumo, passam a funcionar como

um fator ameaçador para a sociedade e não como uma promessa de salvação. O avanço técnico, em vez de reduzir, tem criado necessidades e diminuído a crença de que será capaz de oferecer respostas a toda essa problemática planetária. Apesar do pragmatismo e descrença do autor, procurando relativizar suas afirmações, pois tal descrença é resultado de inúmeras constatações da realidade, não se pode desprezar toda a democratização do acesso a bens e consumo que a modernidade impôs para um número cada vez maior de pessoas.

O conceito de qualidade de vida em Crocker (1993) é discutido com base na elaboração de uma nova e importante ética para o desenvolvimento internacional. O autor trabalha em uma perspectiva *teórico-prática*, enfatizando a presença de uma orientação moral para o modelo de desenvolvimento através do reconhecimento de bens, utilidades e da satisfação de necessidades básicas. Para tanto, é importante a compreensão do processo de desenvolvimento nacional e internacional como expansão de capacidades humanas básicas e como promoção de formas valiosas de existência e de atividades. As categorias morais fundamentais são preponderantes em sua análise para a reformulação das noções de liberdade, direitos e justiça.

Desta forma, Buarque (1993) e Crocker (1993) apontam em uma mesma direção com relação às possibilidades de conquistar uma melhor qualidade de vida, pois ambos os autores chamam atenção para uma nova ética nas relações econômicas, sociais, políticas e culturais e, paradoxalmente, para a busca de uma nova utopia. As dimensões de necessidades sentidas e satisfeitas estiveram presentes nessa análise para a qualidade de vida.

Barbosa (1996) a partir do referencial teórico exposto anteriormente elaborou uma proposta teórico-metodológica para o conceito de qualidade de vida referendada em duas premissas: uma objetiva e outra subjetiva, procurando entender qualidade de vida, através de três eixos principais. Um primeiro eixo diz respeito à satisfação e o acesso a bens básicos (educação, transporte, emprego, alimentação, saneamento ambientalmente adequado, serviço de saúde, etc); o segundo eixo diz respeito ao acesso aos bens fundamentais para complementação da vida dos indivíduos como cultura; lazer; relações afetivas e familiares fundamentais; relação com a natureza; relações plenas com o trabalho. E, por último, o terceiro eixo, denominado de bens ético-políticos por compreender o acesso às informações que dizem respeito à vida do cidadão, colocadas de forma clara e objetiva, a participação

política e o envolvimento nas causas coletivas, participação na gestão local da vida cidadina e a cidadania (BARBOSA, 1996, 1998).

Assim, só será possível entender qualidade de vida como o somatório das condições objetivas e subjetivas do ser, expressas no cotidiano dos indivíduos em decorrência das transformações socioambientais que a sociedade atravessa. O indivíduo, nesse enfrentamento cotidiano, encontra respostas para afirmar ou negar essas transformações. Poderá legitimar politicamente seu cotidiano ou alienar-se, construir condições saudáveis de vida ou patologias.

Por fim, não se pode desconsiderar um importante alerta de Buttel (2000), primeiro ao reconhecer que a qualidade de vida ambiental é um fenômeno tanto pessoal quanto coletivo. E segundo, que apesar do imenso esforço empreendido na teoria social e, posteriormente, na Sociologia ambiental não houve uma contribuição importante para os estudos de qualidade de vida humana, que efetivamente associasse o debate teórico a ações concretas que conseguisse para a população.

### **Sociedade de risco, risco técnico e social: uma perspectiva inicial**

A análise desenvolvida até aqui está centrada no entendimento das transformações e complexidade do mundo atual, relacionados à suas esferas mais evidentes: sociais, tecnológicas, ambientais e culturais.

Os aspectos sociais estão diretamente relacionados à densidade populacional atual e as implicações desse fato em questões objetivas como: aumento da demanda por serviços essenciais, organização do sistema produtivo, processos migratórios e ainda ao padrão de saúde/doença, exposição aos riscos tecnológicos e ambientais. Os aspectos tecnológicos acarretam dois problemas imediatos: de um lado, a localização de indústrias que comprometem diretamente a saúde da população e, de outro, a possibilidade de um desemprego estrutural no tecido social. E os fatores ambientais dizem respeito às condições do ambiente biogeofísico e a utilização, degradação e escassez dos recursos naturais utilizados pela população. Por último, as transformações nas relações culturais da população decorrem das dimensões apontadas acima e que vão estar relacionadas às diferentes maneiras

através das quais os indivíduos lidam, quer seja em sua dimensão objetiva, quer seja em sua dimensão subjetiva, com a complexidade social atual.

É importante assinalar que a modernidade não está sendo entendida como um fator de desagregação social. O que se percebe é justamente uma sociedade complexa, com a permanência de problemas e questões sem respostas, ainda que considere todo o avanço científico e tecnológico dos últimos 50 anos. E mais, esta complexidade, com inúmeras graduações, historicamente tem postergado uma participação política efetiva dos indivíduos na dimensão das relações sociais e com isso, produzido conseqüências importantes para a qualidade de vida dos que vivem no contexto urbano-industrial.

Assim, para se entender de forma mais abrangente as conseqüências da modernidade é necessário se ater ao conceito de *sociedade de risco*. A visão de *sociedade de risco* possibilita a leitura de uma dimensão importante e de elementos que corroboram o comprometimento da qualidade de vida a partir da vivência em sociedades em processo de complexas transformações, que fazem com que os indivíduos vivenciem riscos coletivos. Não só aqueles restritos aos perigos decorrentes de catástrofes naturais, epidemias etc., mas também, os decorrentes a um incisivo processo de industrialização.

Beck (1992, 1993) criou o conceito de *sociedade de risco* ao analisar o estágio de desenvolvimento da organização social atual, destacando que o mesmo não reside mais sobre os patamares de administração e distribuição desigual dos recursos, mas sobre a distribuição mais ou menos consensual das conseqüências pouco antecipáveis, decorrentes da tomada de decisões públicas mais importantes.

Desta forma, a sociedade está cada vez mais submetida a experiências, com base nos avanços tecnicocientíficos, que dissolvem as certezas em torno dos próprios riscos com os quais o mesmo avanço técnico-científico trabalha. Assim, vive-se um momento onde está presente intenso questionamento sobre o papel da ciência na solução dos problemas que a própria sociedade industrial coloca, como também, sobre a dimensão e complexidade dos próprios riscos.

Exemplos como biotecnologia, energia nuclear, informática, aquecimento global e, também, as reformas econômicas, são luzes que não se apagam nem iludem porque, apesar de significar todo o avanço científico-tecnológico dos últimos anos, inauguram, ao mesmo tempo, um vasto campo de custos e riscos onde não se consegue ter acordos sociais

prioritários. O que significa dizer que não se pode prevê-los, nem isolá-los e, muito menos, controlá-los com precisão.

Mediante os riscos clássicos (quebras econômicas, catástrofes, guerras, etc.), submetidos a uma relativa previsão, os riscos modernos não são calculáveis e podem resultar em danos irreparáveis. Os riscos modernos são incalculáveis, em função das grandes redes de decisões em que a vida moderna está organizada e são, muitas vezes, difíceis de serem resolvidos e imputados a determinado grupo ou corporação. Chernobyl, nesse sentido, é um caso exemplar (BECK, 1993).

A *sociedade de risco* impõe o abandono de diferenciações de classe social determinadas por fronteiras geográficas, políticas, econômicas e administrativas. Construindo diferenciações prioritárias entre aqueles que suportam riscos potenciais (moradores de cidades próximas a usinas nucleares, por exemplo), e aqueles que suportam riscos mais difusos. Novos mecanismos compensatórios de suporte estão sendo construídos na atualidade, comparáveis às situações de pobreza e injustiças sociais, ao mesmo tempo em que novas posturas de compromissos com o equilíbrio ecológico estão sendo construídas de forma mais profunda na sociedade contemporânea.

A *sociedade de risco* é herdeira, também, de uma época de conquistas políticas, econômicas e sociais, que ampliaram os direitos básicos para um conjunto maior da população e elevaram as possibilidades de mobilidade num contexto particularmente paradoxal entre a capacidade produtiva e a crise econômica. Beck (1992) acredita que as mudanças no sistema produtivo capitalista são profundas e radicais e, ao mesmo tempo, influem e transformam a essência do conjunto social, alterando situações estabelecidas como classes sociais e estrutura familiar.

Giddens (1993), desde os anos 90 alertou que as sociedades ocidentais constituem-se num paradoxo. Pois, por um lado, permanece a tradição de determinados valores reconstruída pela modernidade, por outro, a manutenção e a criação de novas tradições desempenham papel da maior importância na legitimação do poder e no congelamento de alguns aspectos fundamentais da vida social (família, identidade sexual, por exemplo).

Esse processo acarretará duas ordens de transformações no interior da sociedade, fundamentais e interligadas: a expansão das instituições modernas e universalizadas no mundo como um todo, e a existência de movimentos de resgate e questionamento da tradição.

Essa ordem de fatores afeta diretamente os indivíduos. Como as atividades cotidianas dos indivíduos têm consequências para várias partes do planeta, o conceito de risco torna-se essencial, pois os diferentes tipos de riscos são comuns em um mundo onde muitos aspectos são pré-determinados e coordenados pela tradição.

Assim "(...) à medida que a natureza vai sendo invadida, e inclusive aniquilada, por sua socialização humana, novas formas de imprevisibilidade vão surgindo e se impondo" (GIDDENS, 1993, p.65). Essa ordem de fatores acarreta mudanças importantes para o conjunto social e mostra que estamos vivendo um período de profundas e nefastas transformações. Em escala planetária, persistem as consequências da corrida armamentista nuclear, catástrofes ecológicas, deficiência da administração pública, manipulação deliberada da inflação e do desemprego estrutural, doenças catastróficas e temores com relação às lembranças de genocídios acontecidos na Segunda Guerra Mundial, bem como, os impactos da percepção do aquecimento global, como efetivamente imputado à ação humana (IPCC, 2007).

Contudo, é premente a necessidade de ampliação do debate técnico transformando-o em um debate político, democrático e cooperativo em relação às questões fundamentais à sobrevivência do planeta: política energética, política ambiental, corrida armamentista nuclear (LASCH, 1987). A ação política coletiva tem perdido espaço para o enfrentamento das crises previsíveis do cotidiano, onde as ações individuais possuem, ainda, algum impacto e efeito no desenvolvimento dos acontecimentos, deixando-se de lado ou, postergadas em segundo plano às questões de ordem macro, onde efetivamente as ações humanas parecem produzir pouco efeito.

Lasch denominou esse momento de vivência de situações externas onde persiste um esforço considerável para a sobrevivência. A sobrevivência tanto está voltada para as dificuldades individuais do cotidiano, como para os temas coletivos. Se por um lado, existem as dificuldades em equilibrar o orçamento, o medo de envelhecer, contrair doenças, envolver-se com drogas, manter relações estáveis, enfim, a própria degradação pessoal, por outro, estamos subjugados a um sentimento de espanto frente à vulnerabilidade dos sistemas e instituições, denotando que estamos em tempos sombrios, que promovem uma linha divisória que separa a época atual das mais antigas (LASCH, 1987).

A consciência da problemática ambiental em âmbito planetário tornou evidente, de forma decisiva, a constituição da *sociedade de risco*, a partir dos avanços técnico-científicos (BECK, 1995). O risco globalizante não respeita divisões sociais e geográficas e faz com que persista a necessidade de se buscar a superação de uma *mentalidade sitiada* e excessivamente individualizada. O que não quer dizer deixar de entender as conseqüências que todas estas mudanças significam para o indivíduo, mas obriga buscar soluções políticas, democráticas e cooperativas.

Por fim, pode-se afirmar que o conceito de risco, nas últimas duas décadas, em diferentes abordagens científicas e, principalmente nas ciências sociais, emergiu como um campo importante através de teorias e métodos de análise, que tem sido aplicado a diferentes situações, que incluem ameaças à saúde e segurança humana, aos diferentes tipos de transporte, a exposição humana e ao ambiente, de materiais perigosos, produtos químicos, radiação e campos eletromagnéticos, ou materiais biológicos, organismos geneticamente modificados, bem como ao terrorismo, e as mudanças climáticas globais. Todas essas dimensões irão cada vez mais serem incorporadas, visando compreender de que maneira a qualidade de vida poderá ser afetada.

De qualquer forma, estas diferentes abordagens, servem neste momento, apenas para orientar a reflexão e a discussão, não pretendendo de maneira alguma esgotar o debate sobre a temática. Procurou-se exclusivamente apresentar alguns pressupostos e conceitos básicos dos diferentes enfoques, mostrando a articulação que estes estabelecem entre diferentes teorias e questões e orientações de ordem política e dinâmica para se abordar a questão da qualidade de vida e risco da sociedade contemporânea. No próximo item será analisada quantitativamente como essa temática está presente na teoria social latino-americana dos Centros estudados.

### **Recorte metodológico: o banco de dados**

O Banco de dados organizado pelo Projeto Temático FAPESP (processo nº05/52317-1): *A Questão Ambiental, Interdisciplinaridade, Teoria Social e Produção Intelectual na América Latina* contém um levantamento bibliográfico amplo e minucioso da produção brasileira na área de Ambiente e Sociedade, decorrente da análise de livros, artigos, teses e dissertações desenvolvidas em centros de pesquisa e de pós-graduação. No âmbito dos países

da América Latina os demais centros analisados são: a Flacso e o Instituto de Investigacion y Desarrollo Económico e Social na Argentina; O Programa das Nações Unidas sobre Meio Ambiente (PNUMA) e Universidade Autônoma no México, o Centro Latinoamericano de Ecologia Social (Claes) no Uruguai, a Div. De Desarrollo Sostenible y Asentamientos Humanos (Nações Unidas-Cepal) no Chile, assim como UNAL na Colômbia, sede Letícia e o Instituto Amazônico de Pesquisa Científica (SINCHI) também em Letícia e a Flacso no Equador.

Até o período da consulta - 08 de novembro de 2007 – estavam cadastrados no banco de dados 2773 registros entre artigos de periódicos, livros, teses e dissertações, agrupados em trinta e três palavras chaves. A classificação e inserção no banco de dados se deram pela informação, através das palavras chaves, que os autores dos artigos fizeram em seus textos, sendo que foram cadastradas até três palavras chaves para cada registro. Na palavra chave qualidade de vida e risco, objeto dessa análise quantitativa está agrupado 154 registros no período da consulta, e abrange periódicos, teses, dissertações e livros. Vale ressaltar que esse dado número não se refere a um número absoluto, mas a ocorrência da palavra chave qualidade de vida e risco como uma das três palavras chaves cadastradas no banco de dados.

Sobre a constituição do banco de dados, vale ressaltar que as palavras chaves que permitiram sua construção e, o posterior agrupamento temático foi decidido a partir de reuniões periódicas dos pesquisadores que compõem a equipe principal (FERREIRA et al, 2006) a partir da referência sobre o predomínio dos temas principais e recorrentes na literatura ambiental brasileira e latino-americana, compondo o total de trinta e três palavras-chaves. O tema qualidade de vida foi associado a risco, considerada naquele momento uma vertente importante da abordagem temática latino-americana.

Posteriormente nas mesmas reuniões de equipe foi discutida a forma como seriam construídos os indicadores que permitiriam o refinamento da análise. Assim em junho de 2007 a proposta de um dos pesquisadores da equipe principal foi aprovada e constitui-se na

seqüência de quadros que serão apresentados e analisados neste artigo<sup>7</sup>. Ressalta-se, no entanto, que neste artigo a análise será eminentemente quantitativa.

### Resultados parciais: a sistematização dos dados nos quadros de referência

Com relação à produção já cadastrada no banco de dados verifica-se que a palavra chave qualidade de vida e risco apresenta-se de forma predominante na produção nacional se comparada aos demais países da América Latina estudados no projeto Temático. Pois como pode ser evidenciado no quadro 1 79% da produção do tema é nacional, e apenas 21% referem-se à produção estrangeira. No quadro 2 pode-se observar a distribuição da mesma pelos diferentes países objeto do estudo. Dos países analisados, após o Brasil (79%), 12,6% encontram-se no Chile, seguidos de México e Uruguai, ambos com 2,6%.

**Quadro 1 - Distribuição por origem da produção**

Origem da Produção	Nº	%
Brasileiras	122	79
Demais países da América Latina	32	21
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do Banco de dados.

**Quadro 2 – Distribuição da produção por país**

País	Nº	%
Argentina	2	1,3
Brasil	122	79
Chile	19	12,6
Colômbia	2	1,3
Equador	1	0,65
México	4	2,6
Uruguai	4	2,6
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados.

<sup>7</sup> João Luiz de Moraes Höeffel elaborou a estruturação dos quadros 1 a 7. Cada pesquisador ao analisar seu tema específico trabalhará os quadros como achar mais conveniente, em função da temática específica de sua análise.

No quadro 3 é possível observar a distribuição da produção em qualidade de vida e risco através das Instituições que fazem parte da análise, tanto as nacionais quanto as estrangeiras. E nesse sentido observa-se que o tema está predominantemente distribuído nos II° e III° Encontros Nacionais da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), nos anos de 2004 e 2006, e na Revista Ambiente e Sociedade, respectivamente 32,9% e 13%, demonstrando com isso que existe uma distribuição nacional significativa do tema. A terceira maior presença da produção estará no CEPAL (Chile), com 12,4%. Vale mencionar ainda a participação da ANPOCS, do NAEA/UFPA e da UNICAMP (considerando a soma entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais e os demais Centros da Universidade Estadual de Campinas), com respectivamente 9,8%, 8,5% e 8,5%.

**Quadro 3– Distribuição da produção por instituição**

<b>Instituição</b>	<b>Nº de Produções</b>	<b>%</b>
ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais/Brasil	15	9,8
ANPPAS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (Anais/ANPPAS)	50	32,9
CDS / UNB – Centro de Desenvolvimento Sustentável/UNB	1	0,65
CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe/Chile	20	12,4
CLACSO – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales/Argentina	2	1,3
CLAES – Centro Latino Americano de Ciencias Sociales/Uruguai	4	2,6
FLACSO/EC – Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales/Equador	1	0,65
NAEA/UFPA – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará/Brasil	14	8,5
UNICAMP - NEPAM/UNICAMP – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais/Brasil e demais centros da UNICAMP	14	8,5
PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente/México	1	1,3
UFPR – Universidade Federal do Paraná/Brasil	1	0,65
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos/Brasil	1	0,65
UNAL /Letícia – Universidad Nacional de Colombia/Colômbia	2	1,3
UNAM – Universidad Nacional Autónoma de México/México	3	1,9
Sem indicação de Instituição	6	3,9
VÁRIAS INSTITUIÇÕES – Revista Ambiente e Sociedade (quadro nº 3.1)	19	13
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados.

Observa-se no quadro 3.1 que a Revista Ambiente e Sociedade, no período de 10 anos (1997 – 2007), publicou artigos científicos que abordam o tema qualidade de vida e risco de pesquisadores vinculados a 13 instituições brasileiras, distribuídas em diversas regiões do país, com destaque para o sudeste e o sul do Brasil, o que demonstra desta forma a importância do tema nos estudos ambientais nacionais.

**Quadro 3.1. - Instituições representadas na revista Ambiente & Sociedade**

<b>Instituição</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Universidade de São Paulo - USP	3	15,8
Universidade de Brasília - UNB	3	15,8
Universidade Federal do Pará - UFPA	2	10,5
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC	2	10,5
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP	1	5,25
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar	1	5,25
Universidade Federal Fluminense - UFF	1	5,25
Universidade Federal do Paraná - UFPR	1	5,25
Universidade Federal de Pelotas - UFPel	1	5,25
Instituto de Ensino e Pesquisa Objetivo – IEPO, Palmas, Tocantis	1	5,25
Universidade Tuiuti do Paraná	1	5,25
Instituto de Economia Agrícola - IEA, São Paulo	1	5,25
Centro Federal de Educação Tecnológica do Espírito Santo - CEFETS	1	5,25
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados

No quadro 4 verificam-se as diferentes associações entre a palavra chave qualidade de vida e risco e as outras palavras chaves utilizadas. Para a consulta ao banco de dados é possível utilizar a busca por três palavras chaves, considerando a posição em que aparece no texto (por primeira, segunda ou terceira opção), ou pelo cruzamento das mesmas. Para a inclusão no banco de dados, optou-se por seguir o critério adotado pelo autor da obra, considerando-se apenas as três primeiras palavras chaves no caso de existir número superior a esse. Porém em alguns casos foi encontrado número menor que esse. Para efeito estatístico no quadro 04 optou-se em sistematizar os dados por ordem de sua ocorrência em cada uma das produções analisadas, partindo da primeira até a terceira. Em função da especificidade do tema analisado qualidade de vida e risco figura em 13,6%, com ampla capacidade de combinação com as demais. Em seguida estão presentes temas urbanos, com 10,4%; ambientalismo e discurso ecológico, com 5,8% e saúde pública com 5,1%. Observa-se que o termo apresenta uma ampla diversidade de cruzamentos o que é uma característica do

conceito. Conforme apontado anteriormente na análise teórica verifica-se que a inter-relação do tema com diversas áreas do conhecimento aparece como uma característica marcante no banco de dados refletindo sua utilização nos estudos ambientais.

**Quadro 4 – produções por palavras chaves**

<b>Palavra(s) Chave(s)</b>	<b>Nº de Produções</b>	<b>%</b>
<b>Ambientalismo e discurso ecológico</b>	<b>9</b>	<b>5,8</b>
Ambientalismo e discurso ecológico; qualidade de vida e risco	4	2,59
Ambientalismo e discurso ecológico; qualidade de vida e risco; estudos teóricos/conceituais	1	0,65
Ambientalismo e discurso ecológico; recursos hídricos; qualidade de vida e risco	1	0,65
Ambientalismo e discurso ecológico; saúde pública; qualidade de vida e risco	1	0,65
Ambientalismo e discurso ecológico; tratados e relações internacionais; qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Ciência e tecnologia</b>	<b>3</b>	<b>1,9</b>
Ciência e tecnologia; Qualidade de vida e risco	3	1,9
<b>Comunicação e meio ambiente</b>	<b>1</b>	<b>0,65</b>
Comunicação e Meio ambiente, Qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Conflitos sociais</b>	<b>3</b>	<b>1,9</b>
Conflitos sociais, qualidade de vida e risco	1	0,65
Conflitos sociais; qualidade de vida e risco; ciência e tecnologia	1	0,65
Conflitos sociais; temas urbanos; qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Democracia</b>	<b>1</b>	<b>0,65</b>
Democracia, Qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Economia ambiental</b>	<b>3</b>	<b>1,9</b>
Economia Ambiental; Gestão de áreas protegidas; qualidade de vida e risco	1	0,65
Economia Ambiental; Qualidade de vida e risco	1	0,65
Economia Ambiental; qualidade de vida e risco; políticas e Projetos Ambientais	1	0,65
<b>Educação ambiental</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Educação ambiental, qualidade de vida e risco	2	1,3
<b>Estudos de representações sociais</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Estudos de representações sociais, qualidade de vida e risco	1	0,65
Estudos de representações sociais, qualidade de vida e risco; participação popular	1	0,65
<b>Estudos teóricos / conceituais</b>	<b>3</b>	<b>1,9</b>
Estudos teóricos / conceituais, Qualidade de vida e risco	2	1,3
Estudos teóricos / conceituais, qualidade de vida e risco; sustentabilidade	1	0,65
<b>Globalização</b>	<b>1</b>	<b>0,65</b>
Globalização, qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Mudanças ambientais globais</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Mudanças ambientais globais, qualidade de vida e risco; temas agrários/agrícolas	1	0,65
Mudanças ambientais globais, Ambientalismo e discurso ecológico; Qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Mundo do trabalho</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Mundo do trabalho, qualidade de vida e risco	2	1,3

<b>Participação popular</b>	<b>4</b>	<b>2,6</b>
Participação popular, Qualidade de vida e risco; Democracia	1	0,65
Participação popular; qualidade de vida e risco	3	1,9
<b>Políticas e projetos ambientais</b>	<b>6</b>	<b>3,9</b>
Políticas e projetos ambientais; Políticas públicas, Qualidade de vida e risco	1	0,65
Políticas e projetos ambientais; Qualidade de vida e risco	2	1,3
Políticas e projetos ambientais, Ambientalismo e discurso ecológico; Qualidade de vida e risco	1	0,65
Políticas e projetos ambientais, Participação popular; Qualidade de vida e risco	1	0,65
Políticas e projetos ambientais, Recursos hídricos; Qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Políticas públicas</b>	<b>5</b>	<b>3,2</b>
Políticas públicas, qualidade de vida e risco	3	1,9
Políticas públicas, qualidade de vida e risco; Conflitos sociais	1	0,65
Políticas públicas, qualidade de vida e risco; temas urbanos	1	0,65
<b>Populações tradicionais</b>	<b>1</b>	<b>0,65</b>
Populações tradicionais, Qualidade de vida e risco; conflitos sociais	1	0,65
<b>Processos migratórios</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Processos migratórios, qualidade de vida e risco; saúde pública	1	0,65
Processos migratórios, qualidade de vida e risco; temas urbanos	1	0,65
<b>Qualidade de vida e risco</b>	<b>63</b>	<b>40,9</b>
Qualidade de vida e risco	21	13,6
Qualidade de vida e risco; Ambientalismo e discurso ecológico; estudos teóricos/conceituais	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Ciência e Tecnologia	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Conflitos Sociais	1	0,65
Qualidade de vida e risco; conflitos sociais; economia ambiental	1	0,65
Qualidade de vida e risco; estudos teóricos/conceituais	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Gestão de áreas protegidas	1	0,65
Qualidade de vida e risco; interdisciplinaridade	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Mundo do trabalho	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Participação popular	2	1,3
Qualidade de vida e risco; Participação popular; Políticas públicas	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Políticas e Projetos Ambientais	1	0,65
Qualidade de vida e risco; projeto de desenvolvimento local/regional; economia ambiental	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Recursos hídricos	1	0,65
Qualidade de vida e risco; saúde pública	12	7,8
Qualidade de vida e risco; Saúde Pública; Gestão de áreas protegidas	1	0,65
Qualidade de vida e risco; saúde pública; temas urbanos	1	0,65
Qualidade de vida e risco; sustentabilidade	2	1,3
Qualidade de vida e risco; temas agrários/agrícolas	2	1,3
Qualidade de vida e risco; temas amazônicos	2	1,3
Qualidade de vida e risco; temas urbanos	3	1,9
Qualidade de vida e risco; temas urbanos; conflitos sociais	2	1,3
Qualidade de vida e risco; temas urbanos; participação popular	1	0,65
Qualidade de vida e risco; temas urbanos; saúde pública	1	0,65
Qualidade de vida e risco; Tratados e relações internacionais	1	0,65
<b>Recursos hídricos</b>	<b>6</b>	<b>3,9</b>
Recursos hídricos, qualidade de vida e risco	5	3,2
Recursos hídricos; Saúde Pública; Qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Recursos naturais</b>	<b>1</b>	<b>0,65</b>
Recursos naturais, qualidade de vida e risco; Mundo do trabalho	1	0,65

<b>Saúde pública</b>	<b>8</b>	<b>5,1</b>
Saúde pública, qualidade de vida e risco	2	1,3
Saúde pública, qualidade de vida e risco; Mundo do trabalho	2	1,3
Saúde pública, qualidade de vida e risco; Temas amazônicos	3	1,9
Saúde pública; Qualidade de vida e risco; Ambientalismo e discurso ecológico	1	0,65
<b>Sustentabilidade</b>	<b>3</b>	<b>1,9</b>
Sustentabilidade; Qualidade de vida e risco	2	1,3
Sustentabilidade; temas urbanos; qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Temas agrários / agrícolas</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Temas agrários / agrícolas, Qualidade de vida e risco	2	1,3
<b>Temas amazônicos</b>	<b>4</b>	<b>2,6</b>
Temas amazônicos, qualidade de vida e risco	2	1,3
Temas amazônicos, qualidade de vida e risco; saúde pública	1	0,65
Temas amazônicos, Saúde Pública; Qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Temas urbanos</b>	<b>16</b>	<b>10,4</b>
Temas urbanos, Estudos de Representações sociais; qualidade de vida e risco	1	0,65
Temas urbanos, Qualidade de vida e risco	8	5,1
Temas urbanos, qualidade de vida e risco; participação popular	1	0,65
Temas urbanos: Qualidade de vida e risco; Conflitos sociais	2	1,3
Temas urbanos: Qualidade de vida e risco; Políticas e Projetos ambientais	1	0,65
Temas urbanos; Conflitos sociais; Qualidade de vida e risco;	1	0,65
Temas urbanos; qualidade de vida e risco; Sustentabilidade	1	0,65
Temas urbanos; políticas públicas; qualidade de vida e risco	1	0,65
<b>Tratados e relações internacionais</b>	<b>2</b>	<b>1,3</b>
Tratados e relações internacionais, qualidade de vida e risco	2	1,3
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados

No quadro 5 apresenta-se a produção em **qualidade de vida e risco** por tipo de produção. O predomínio é de artigos em periódicos (72%), seguido de livros (15,6%), dissertações e teses (7,2%) e capítulos de livros (5,2%).

**Quadro 05 – Registros em qualidade de vida e risco por tipo de produção**

<b>Tipo de produção</b>	<b>Nº</b>	<b>%</b>
Capítulo de livro	8	5,2
Artigos	111	72
Dissertações/teses	11	7,2
Livros	24	15,6
<b>Total</b>	<b>154</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados

No quadro 6 encontra-se a distribuição dos artigos com palavras chave qualidade de vida e risco nos atuais 17 grupos de trabalhos dos Encontros Nacionais da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS), no período de 2002 a 2006. Observa-se que o termo analisado está presente em 13 grupos de trabalho em funcionamento, o que evidencia a presença de estudos ambientais nesta temática e suas inter-relações em diversas áreas do conhecimento da mesma forma que o observado no quadro 04 – Publicações por palavras chaves. Os grupos mais representativos são **Modernidade, riscos e meio ambiente** com 22%, e **Saúde e Ambiente** com 20%.

**Quadro 6 – Artigos por grupo de trabalho dos Encontros Nacionais da ANPPAS, 2002 – 2006**

<b>Artigos por Grupo de Trabalho (GT) da ANPPAS</b>	<b>Nº de Produções</b>	<b>%</b>
Agricultura, riscos e conflitos ambientais	3	6
Cidade e sustentabilidade	2	4
Energia e Meio Ambiente	3	6
História, Sociedade e meio ambiente no Brasil	1	2
Justiça ambiental, conflito social e desigualdade	3	6
Manejo comunitário de Recursos Naturais	1	2
Meio ambiente construído	5	10
Meio ambiente, sociedade e educação	4	8
Modernidade, riscos e meio ambiente	11	22
Natureza, técnica e violência	2	4
Recursos hídricos: atores sociais, gestão e territorialidade	4	8
Relações internacionais e ambiente	1	2
Saúde e Ambiente	10	20
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>100</b>

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados

No quadro 7 estão representados os autores que têm o maior número de publicações com utilização da palavra chave analisada. Às abordagens teóricas utilizadas por cada autor em seus trabalhos com enfoque em qualidade de vida e risco serão aprofundados na continuidade deste artigo.

**Quadro 7 - Síntese da distribuição da produção por autor (es)**

<b>Produções por Autor(es)</b>	<b>Nº de Produções</b>
BARBOSA, S. R. da C. S.	5
BRÜSEKE, F. J.	3
GAINZA, P. P.	2
GUIVANT, J. S.	3
HOGAN, D. J.	2
JACOBI, P.	2
MARANDOLA JR, E. et al.	2
MELCHERT, L. 2	2
NEDER, R. T.	3
VIOLA, E.	2

Fonte: elaboração própria a partir da consulta ao acervo do banco de dados

### **Desdobramentos e algumas considerações**

O levantamento das várias abordagens sobre a temática qualidade de vida e risco teve por objetivo ampliar o conhecimento sobre o tema, e não o de proceder a uma listagem que exaurisse todos os desdobramentos e possibilidades que a temática potencia. Muitas outras abordagens não foram ressaltadas, o que não deve ser interpretado como indicativo de sua não-relevância, mas, paradoxalmente, como um indicador da magnitude, abrangência e complexidade da problemática em questão. Pois como se tentou evidenciar na revisão da literatura sobre o tema, qualidade de vida e risco representa uma temática extremamente complexa, tanto do ponto de vista das singularidades dos dois conceitos, como da busca que está sendo empreendida neste trabalho em associá-los numa temática única, pois na medida em que representa a preocupação, tanto do ponto de vista teórico quanto político, coloca necessariamente toda a discussão como permanentemente inacabada, e em processo.

Assim, apesar da análise realizada ter um caráter genérico e quantitativo, frente aos próprios objetivos do texto, evidencia-se com bastante clareza que o problema da temática qualidade de vida e risco insere-se em questionamentos e discussões extremamente atuais e essenciais que vão desde a necessidade de reconstrução da sociedade contemporânea às reflexões sobre a própria dimensão humana, seus valores e necessidades para assegurar sua possibilidade de existência em uma sociedade sustentável futura.

E é com essa premissa, que essa análise quantitativa irá se desdobrar numa análise qualitativa do material inserido no banco sobre o tema qualidade de vida e risco, considerando

num primeiro momento a produção brasileira e, posteriormente, a produção dos demais países da América Latina, tendo como uma das referências possíveis à proposta teórico-metodológica de Barbosa (1996, 1998), através dos três eixos principais analíticos mencionados anteriormente.

### **Referências Bibliográficas**

BARBOSA, S R da C S. Industrialização, Ambiente e Condições de Vida em Paulínia, SP. As representações de Qualidade Ambiental e Saúde para Médicos e Pacientes. 1990. n° de folhas Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

BARBOSA S R da C S. Qualidade de vida e suas metáforas. Uma reflexão sócio-ambiental. 1990. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1996.

BARBOSA, S R da C S. Qualidade de vida e ambiente: uma abordagem em construção. In: BARBOSA, S R da C S. (org). A Temática Ambiental e a Pluralidade do Ciclo de Seminários do NEPAM. Campinas: UNICAMP, 1998. p. 401 – 425.

BARBOSA, S R da C S BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. Identidade social e dores da alma em Itaipu. Revista Ambiente & Sociedade, Rio de Janeiro, Vol. VII, n. 1, jan/jul, 2004.

BARBOSA, S R da C S. Subjetividade e complexidade social: contribuições ao estudo da depressão. *PHYSIS: Ver. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 16(2):1611, 2006.

BARBOSA, S R da C S & HOEFFEL, J L de M. Qualidade de vida e complexidade social na APA Cantareira, SP: um estudo sobre degradação socio-ambiental e subjetividade. Projeto de Pesquisa FAPESP (processo n. 06/60366-5), 2006.

BECK, U. *Risk Society. Towards a New Modernity*. Londres, Sage, 1992.

BECK, U. De la sociedad industrial a la sociedad del riesgo. Cuestiones de supervivencia, estructura social e ilustración ecológica. in: RODRÍGUES-IBÁNEZ, José E. *Revista de Occidente*. Madrid, nº 150, 1993.

BECK, U. *Ecological Enlightenment. Essays on the politics of the risk society*. New York: Prometheus Book, 1995.

BROWN, L (org.)/ WORLDWATCH INSTITUTE. *Salve o Planeta! Qualidade de vida*. Rio de Janeiro: Globo, 1990 a 1995.

BROWN, L, FLAVIN, C; POSTEL, S. O Planejamento de uma sociedade sustentável. In: BROWN, L (org.). *Salve o Planeta! Qualidade de vida - 1990/ Worldwatch Institute*. Rio de Janeiro: Globo, 1990.

BRÜSEKE, F J. Desestruturação e desenvolvimento. In: FERREIRA, L da C; VIOLA, E (orgs.) *Incertezas de sustentabilidade na globalização*. Campinas: Unicamp, p. 103 – 132, 1996.

BUARQUE, C. *Qualidade de Vida: a modernização da utopia*. Lua Nova, São Paulo, no. 31, 1993.

BUTTEL, F. Sociologia ambiental, qualidade ambiental e qualidade de vida: algumas observações teóricas. In: HERCULANO, S; PORTO, M F; FREITAS, C M (orgs.). *Qualidade de vida & riscos ambientais*. Niterói: EDUFF, 2000, p.29 – 48.

CARMO, R L. *População, Meio Ambiente e Qualidade de Vida: o caso de Campinas (1970 - 1991)*. 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

CENTRO DE ALTERNATIVAS DE DESARROLLO (CEPAUR). *Desarrollo a Escala Humana. Una opción para el futuro*. Artigo 1. América Latina: Crisis y perplejidad. *Development Dialogue*, Número especial. Santiago: CEPAUR/Fundación Dag Hammarskjöld, 1986.

CORDEIRO, H. A Qualidade de Vida Urbana e as Condições de Saúde: o caso do Rio de Janeiro. In: SOUZA, A (org.). Qualidade de vida urbana. Série Debates Urbanos. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

CROCKER, D. Qualidade de Vida e Desenvolvimento: o enfoque normativo de Sen e Nussbaum. Lua nova, São Paulo, nº. 31, 1993.

FERREIRA, L.; BARBOSA, S.; HOEFFEL, J. L. et al. Environmental issues, interdisciplinarity, social theory and intellectual production in Latin America (preliminary analysis). Proceedings – The International Sociological Association/ ISA World Congress - Durban. Bethesda: CSA Sociological Abstracts, v. 1, p. 80-80, 2006.

FERREIRA, L. A Questão Ambiental, Interdisciplinaridade, Teoria Social e Produção Intelectual na América Latina. Projeto Temático FAPESP (processo n. 05/52317-1), 2005.

GALLOPÍN, G. Ecología y Ambiente. In: LEFF, Enrique (coord.). Los Problemas del conocimiento y a perspectiva ambiental del desarrollo. Mexico: Siglo o Veintiuno, 1986.

GALTUNG, J. Development, environment and technology. Towards a technology for self-reliance. United Nations Conference on Trade and Development. Geneva, 1979.

GIDDENS, A. La vida en una sociedad post-tradicional.. in: RODRIGUES-IBÁÑEZ, José E. Revista de Occidente. Madrid, N 150, 1993.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE - IPCC – UNITED NATIONS ENVIRONMENT PROGRAMME – UNEP. Working Group II Report "Impacts, Adaptation and Vulnerability". Disponível em: <http://www.ipcc.ch/ipccreports/ar4-wg2.htm>

JACOBI, P. A percepção de problemas ambientais urbanos em São Paulo. Lua nova. São Paulo, nº. 31, 1993.

LASCH, C. O Mínimo Eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LEAL, A C. Meio Ambiente e Urbanização na Microbacia do Areia Branca - Campinas, São Paulo. 1995. Dissertação (Mestrado em Geociências/ Área de Geociências e Meio Ambiente) - Instituto de Geociências e Ciências Aplicadas, Universidade Estadual Paulista, 1995.

LUA NOVA. Qualidade de Vida. São Paulo: CEDEC, nº. 31, 1993.

MATAVELE, J. Ecologia e qualidade de vida: o caso da favela Vila Nogueira (Campinas, SP). Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, 1992.

MONTES, J. M. & LEFF, E. Perspectivas Ambientais del Desarrollo del Conocimiento. In: LEFF, E (coord.). Los Problemas del conocimiento y a perspectiva ambiental del desarrollo. México: Siglo o Veintiuno, 1986.

RODRÍGUEZ-IBÁÑEZ, J. E. Hacia un nuevo marco teórico. Revista de Occidente. Madrid, n. 150, 1993.

SOUZA, A. (org.). Qualidade de vida urbana. Série Debates Urbanos. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.